

A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica

Thamyris Maués dos Santos

Simone Souza da Costa Silva

Fernando Augusto Ramos Pontes

Universidade Federal do Pará, Belém – PA – Brasil

Resumo: Nas famílias, o nascimento de uma criança redimensiona a dinâmica familiar, formando, além do papel de filho e mãe, os papéis de pais e avós. Assim, busca-se descrever os papéis desempenhados por pais e avós expressos nas atividades executadas por duas famílias ribeirinhas moradoras do Rio Araraiana, no Estado do Pará, que vivenciaram o momento de nascimento. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e diários de campo. Nessa comunidade, os avós tendem a adotar seu primeiro neto como último filho. Essa tendência predomina por conta da extrema pobreza em que vivem, agravada pela inexperiência dos pais acerca dos cuidados necessários ao recém-nascido. Na família A, essa tendência foi concretizada, e, na família B, a adoção foi impedida pelo pai, por conflitos com os modelos de papéis de paternidade ideais dos avós da criança.

Palavras-chave: família; papel; relação entre gerações; relações entre pais-filhos; nascimento.

Introdução

A literatura sobre desenvolvimento humano considera os períodos de transição fundamentais para a reconfiguração das famílias ao longo do ciclo de vida (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). A chegada do primeiro neto redimensiona a dinâmica familiar e forma novos papéis de pais e avós, sendo, portanto, um dos períodos de transição fundamentais ao grupo familiar (KIMURA, 1996). Porém, não obstante o Brasil possuir mais de três quartos de seus municípios categorizados como rurais (ALBUQUERQUE, 2002), a maioria dos estudos brasileiros nessa área foi realizada com famílias urbanas, sendo escassas ou inexistentes pesquisas que tratem especificamente dos papéis de pais e avós no contexto ribeirinho. Seguindo essa perspectiva, constitui-se objetivo deste artigo descrever os papéis desempenhados por pais e avós expressos nas atividades executadas por duas famílias ribeirinhas que vivenciaram a chegada do primeiro neto.

Com base no pressuposto de que as características pessoais são indissociáveis dos elementos contextuais em que a pessoa vive, Bronfenbrenner (1996, p. 68) afirma que um papel é “uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa”. Essa perspectiva está embasada no trabalho de G. H. Mead, teórico que propõe o interacionismo simbólico como processo de constituição do *self* pessoal. Para Mead, a adoção de papéis ocorrida na interação com outros sujeitos possibilita a formação de uma subjetividade, ou seja, a mente é formada a partir dos processos sociais (ABIB, 2005).

Segundo Bronfenbrenner (1996), o *papel*, as *atividades* e as *relações* compõem juntos um microsistema, ou seja, o espaço das situações imediatamente experimentadas pelos indivíduos. No entanto, o papel não faz parte exclusivamente desse nível ambiental, haja vista que o modo como os papéis são desempenhados nas interações face a face apresentam forte influência das características referentes à cultura mais ampla ou macrosistêmica. Portanto, o conceito de papel materializa-se na interação do nível micro com o macro, assumindo, nas pessoas em desenvolvimento, diferentes formas, de acordo com características individuais, contextuais e do tempo, seja este ontogênico ou social.

Seguindo essa perspectiva, estudos sobre papel têm analisado o nascimento da criança como um rico momento no qual é possível identificar a formação de novos papéis, como dos pais e avós. A chegada de um novo membro provoca mudanças na reconstituição das rotinas e o ajustamento pessoal de todos os familiares envolvidos na nova situação (ALVES et al., 2007; FREITAS; COELHO; SILVA, 2007; KIMURA, 1996).

A constituição dos papéis de pais e avós é influenciada pelas condições socioeconômicas e psicossociais do grupo familiar. Martin e Angelo (1999) observaram que famílias de baixa renda que vivem na cidade de São Paulo definem de modo mais rígido os papéis de pais e mães: aos pais cabe o sustento do grupo, e às mães, cuidado, carinho e apoio. De acordo com esse estudo, as mães repetem os padrões de aprendizagem de gênero adquirido desde a infância, sendo completamente responsáveis pelas demandas domésticas, tendo no casamento e na criação dos filhos sua mais importante missão.

Ainda nos contextos urbanos, a transição para a vida adulta ocorre através da busca crescente por autonomia, e ser adulto se define pelos seguintes fatores: a saída da casa da família de origem, o investimento em um trabalho ou uma formação profissional, a entrada no mercado de trabalho, a independência financeira e, posteriormente, a possibilidade de formar seu próprio núcleo familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Desse modo, existem vários aspectos que devem ser supridos antes que o indivíduo possa configurar uma nova composição familiar (BORGES; MAGALHÃES, 2009).

Acerca do papel de mãe, Kimura (1996) observa que, não obstante a construção de um ideal a ser seguido por todos os membros de determinada comunidade, esse papel só adquire significado quando produzido em uma relação que se desenvolve entre a mãe, o filho e os demais membros familiares. Isso ocorre porque

[...] aquilo que ela é e a forma como conceitua o seu papel são, em grande medida, um produto de todas essas imagens de seu *eu* que, sobretudo na família, em cada instante, estão sujeitas a transformações, dependendo das situações e dos atores (KIMURA, 1996, p. 46).

No que diz respeito ao desempenho do papel de pai, Freitas, Coelho e Silva (2007) consideram que atualmente existe um confronto entre o modelo de pai tradicional, aquele que provê materialmente a família e dá lições para os filhos, e o modelo de “novo pai”, que se envolve de maneira mais próxima com os períodos de gestação e nascimento, demonstrando maior afeto e preocupação com o bem-estar emocional da família e de cada um. Para esses autores, a vivência dessa paternidade contemporânea ultrapassa os limites da família, e os atributos e as responsabilidades sociais de ser o provedor ainda pesam muito mais sobre os homens quando comparados às mulheres.

Além dos papéis de mãe e pai, a configuração do papel de avós também tem sido bastante destacada pela literatura. A peculiaridade desses membros familiares está relacionada à maior experiência que possuem quanto à criação de outras pessoas e por subsidiarem apoio emocional e instrumental ao grupo, dado seu conhecimento acerca da situação (FALCÃO; SALOMÃO, 2005; DESSEN; BRAZ, 2000; DIAS, 2002). Dessa forma, diante de circunstâncias novas em que as pessoas precisam utilizar habilidades recém-adquiridas ou que não existem, a experiência dos mais velhos é fundamental. Os avós são considerados aqueles que proporcionam maior segurança e estabilidade diante de mudanças que poderiam servir como precursoras de estresse para os novos pais (FALCÃO; SALOMÃO, 2005; DIAS, 2002).

Kipper e Lopes (2006) consideram que o nascimento do primeiro neto proporcionou a todas as avós participantes de seu estudo uma reflexão sobre suas vidas, seus papéis e seus relacionamentos. De acordo com Kipper e Lopes (2006, p. 33),

[...] o tornar-se avó propicia uma reflexão e uma construção particular do que é ser avó e, embora os avós e os pais não sirvam como modelos perfeitos, são sempre um modelo de referência, mesmo ao desejarem ser avós diferentes.

Porém, é necessário enfatizar que os papéis são desempenhados de acordo com as características dos contextos em que os indivíduos estão inseridos. A Amazônia é um ecossistema que se destaca no cenário mundial, dadas as atuais discussões ambientais que envolvem principalmente os conceitos de biodiversidade, efeito estufa e buraco na camada de ozônio. Esse território possui uma das últimas camadas contínuas de floresta tropical úmida da Terra, que é o bioma que apresenta maior complexidade e maior riqueza de espécies, populações e micro-organismos, que atualmente cobrem cerca da metade da área que já cobriram um dia (ALBAGLI, 2001).

De acordo com Lima e Pozzobon (2005), os ribeirinhos amazônicos detêm a possibilidade de preservar o meio ambiente em que vivem, sendo verdadeiros atores nas práticas de desenvolvimento sustentável. Os ribeirinhos estão inseridos em um padrão espaçotemporal que se molda a partir de uma dependência intrínseca de elementos da natureza, apresentando um ritmo lento com um modo de vida e uma sociabilidade pautada no esquema rio-várzea-floresta. Nesse padrão, a vida se estabelece através do rio, e as atividades de subsistência são formadas pela extração de elementos naturais desse mesmo rio ou das várzeas localizadas em suas margens (CRUZ, 2008).

O contexto ribeirinho amazônico é um ambiente ecológico peculiar para a realização de estudos que visem à compreensão das relações familiares e do desempenho de papéis sociais, uma vez que as características típicas favorecem interações e relações específicas. Em geral, o acesso às localidades é difícil, o que contribui para o isolamento desses grupos das grandes metrópoles.

A investigação acerca dos papéis desempenhados por pais e avós após a chegada do primeiro neto na família foi realizada com base na perspectiva qualitativa, investigando as características de duas famílias ribeirinhas por meio de estudos de caso que serão expostos mais adiante.

A pesquisa foi realizada na comunidade ribeirinha do Rio Araraiana, localizada na Ilha do Marajó, no Estado do Pará. Trata-se da maior ilha fluvial do mundo com aproximadamente 50 mil km de extensão, divididos em 16 municípios (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007), dentre os quais se encontra Ponta de Pedras, que é o município sede da comunidade do Rio Araraiana. Porém, a locomoção entre a comunidade e a sede é difícil, assim como entre a comunidade e outros municípios. Tal dificuldade obsta ainda o acesso a quaisquer recursos básicos para uma qualidade de vida adequada.

Método

A comunidade do Rio Araraiana foi escolhida como ambiente de pesquisa por apresentar características típicas das comunidades ribeirinhas amazônicas isoladas, como o distanciamento socioeconômico e geográfico, os baixos índices de Desenvolvimento Humano (IDH = 0,652) (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2000), a ausência de energia elétrica e saneamento básico, e o sistema de construção das moradias em palafitas. Além disso, o acesso dos moradores à mídia escrita, radiofônica e televisiva é restrito.

A coleta de dados se iniciou após a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética que aprovou sua execução por meio do parecer nº 2.716-06. Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram entrevistas semiestruturadas realizadas com os novos pais e novos avós e diários de campo. As questões referiam-se às mudanças ocorridas após o nascimento da criança, como a nova rotina dos membros da família, as interações estabelecidas com a criança (quem, como, quando e com que frequência ocorriam), as reações da família com relação à gravidez, a percepção da união dos pais da criança pelos avós e as similaridades e diferenças estabelecidas com a mesma situação quando ocorrida na família de origem. Todas as informações foram transcritas e organizadas em tópicos de acordo com os temas emergentes das entrevistas e dos diários de campo. Os nomes utilizados nesta pesquisa são todos fictícios a fim de manter íntegra a identidade dos participantes.

A apresentação dos resultados está dividida em dois tópicos: famílias A e B. Os dados foram organizados nas categorias: caracterização do grupo familiar e pais e avós: desempenhando novos papéis.

Resultados

Família A

Caracterização do grupo familiar

Na época das primeiras investigações realizadas na comunidade do Rio Araraiana, a família A era composta pelo casal Manoel e Sueli e seus quatro filhos (Vanessa, Viviane, Velma e Valdir). A primogênita Vanessa (21 anos) era casada com Maranhão (40 anos) e possuía dois filhos: Mateus (3 anos) e Manoel Jr. (1 ano). A Figura 1 apresenta o mapa genealógico familiar desse grupo e as características mais relevantes na sua constituição.

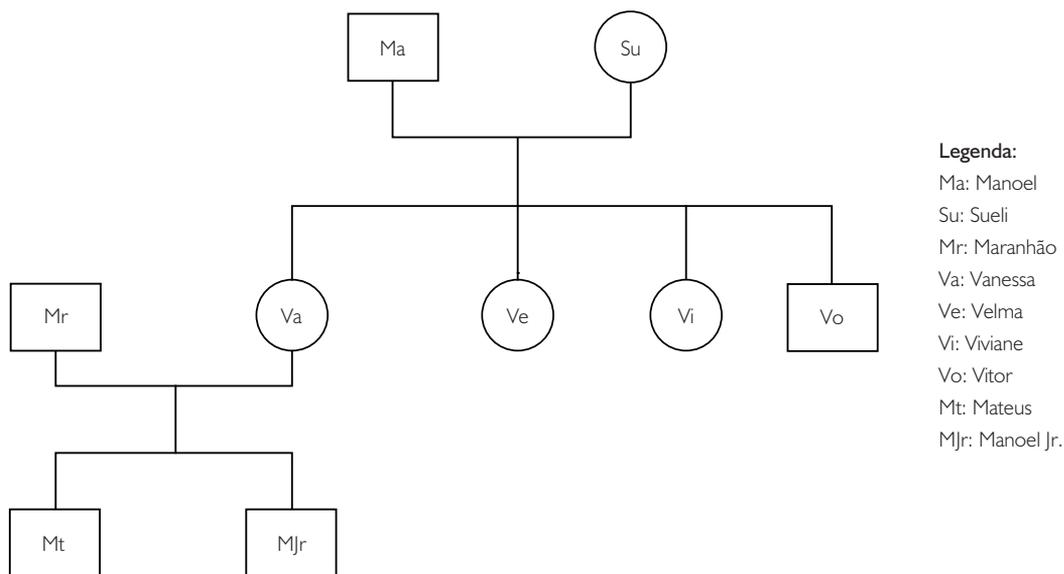


Figura 1. Mapa genealógico atual da família de Manoel e Sueli, em que se enfatiza a família de Maranhão e Vanessa

Maranhão e Vanessa mantinham a união havia cerca de cinco anos. Eles se conheceram em uma festa ocorrida em outra comunidade ribeirinha, próxima ao Rio Araraiana. Vanessa fora passar suas férias na casa de um pastor amigo de seu pai e, na noite da festa, conheceu Maranhão. Passaram a namorar, e em pouco tempo Vanessa ficou grávida de Mateus. Durante esse período, continuou morando na casa de seus pais por cerca de um ano e meio. O relacionamento entre Maranhão e os pais de Vanessa logo se tornou bastante amigável, e, em alguns momentos, Sueli deixou claro que ele era seu genro preferido.

Vanessa sempre foi muito religiosa, principalmente por causa da proximidade de seus pais, que eram membros ativos da Igreja Evangélica local. Foi a filha mais próxima da educação oferecida por Manoel e Sueli. De acordo com sua mãe, “ela sempre foi a mais apegada a mim”. Os relatos encontrados nos diários de campo demonstram que Vanessa de fato sempre foi vista como alguém obediente às regras da família.

Pais e avós: desempenhando novos papéis

Uma das especificidades observadas nas famílias do Rio Araraiana antes da execução desta pesquisa foi a responsabilidade e o cuidado que os avós assumiam com relação aos netos, especialmente os primogênitos.

O primeiro filho de Maranhão e Vanessa “foi dado” aos avós Manoel e Sueli, que sempre foram responsáveis por Mateus, que não chegou a morar com os pais quando estes se mudaram para outra casa. O carinho do neto pelos avós era tão grande que Mateus chamava Sueli de mãe e Manoel de pai. Maranhão relatou que quis ter mais um filho com

Vanessa porque “o primeiro é dele, do meu sogro. Eu dei pra ele, né? Mas o outro não. Agora eu quero ter um filho meu!”.

Porém, no registro de nascimento de Mateus constam seus pais biológicos, o que pode contribuir para certa ambiguidade percebida nas falas dos participantes. Em determinado momento, Sueli enfatizou que Vanessa era a mãe de Mateus e que ela tinha o direito de tomar decisões sobre a vida do menino:

Avó: Desde que ele nasceu, eu cuidei dele até hoje. Ele vai só um instantinho lá. Ela sai e ele quer ir, né? “Oh, mãe, o Mateus quer ir”. Eu digo: “Leva, minha filha, é teu filho”. Aí ela leva ele. Tá, tá lá, não demostra ele começa: “Vanessa, me leva pra mamãe”. Aí quando eu vejo, ela encosta no porto, vem deixar ele. Ele não dorme pra lá. E pra onde eu viro ele comigo. Quando eu vou pro mato, ele vai. Se eu vou pro culto, ele vai. Se eu for pra Belém, com o Manoel, deu problema no meu cartão do bolsa-família, eu tive que ir pra Belém, pois ele foi comigo.

Enquanto Mateus era um recém-nascido, Vanessa não oferecia os mesmos cuidados que sua mãe à criança, e isso se deve, segundo Sueli, principalmente à inexperiência da filha. Vanessa disse: “[Depois do nascimento] do Mateus, a mamãe que dormia com ele, porque eu tinha medo de amassar ele”. Sueli confirma essa situação enfatizando que Vanessa apenas dava de mamar a Mateus, enquanto ela se encarregava dos outros cuidados com a criança:

Pesquisadora: E quem dava banho no Mateus quando ele era pequeno? Também eras tu?

Avó: Era eu, tudo era eu. A Vanessa era só pra mamar [risos]. É porque ela tinha medo de entrar água no ouvido dele, de afogar ele, aí tudo era eu.

Sueli, a avó, relata que esse fato também aconteceu em sua família de origem. A primeira neta de sua mãe foi criada como se fosse a última filha, e Sueli a considera sobrinha e irmã.

Pesquisadora: E Sueli, quem foi o primeiro filho da tua mãe que teve neto? Quem foi o primeiro neto dela?

Avó: Foi a Ada. Filha da Carmem. [...] Ela, no tempo que ela engravidou dela, ela era empregada em Belém. Aí, quando ela veio de lá, ela veio grávida. Aí, ela chegou em casa, chamou a mamãe e participou pra ela, né? Só que ela não chegou a viver com o pai da filha. Aí, daí, ela não voltou mais pra Belém, ficou em casa. Aí quando ela teve a menina, a mamãe assistiu ela. Aí, ela teve e entregou pra mamãe com o papai. Aí, o papai foi, registrou a menina no nome dele. Ela é registrada no nome dele. [...] é minha irmã. É minha sobrinha e irmã. Deus o livre, eu gosto muito dela. E, aí, o papai registrou no nome dele com a mamãe.

Assim, existe uma continuidade com relação ao fato de o primeiro neto ser tratado como filho pelos avós no Rio Araraiana. A seguir serão realizadas as descrições dos subsistemas em que Mateus participou com os pais e com os avós.

Subsistema dos avós: Mateus – Manoel e Sueli

Desde o nascimento de Mateus, Sueli e Manoel eram responsáveis pelos cuidados com a criança. As tarefas de cuidado físico estavam principalmente sob a responsabilidade de

Sueli, pois essa diferenciação com base no gênero é típica na comunidade ribeirinha do Rio Araraiana (SILVA, 2006).

Sueli relatou, em alguns momentos durante as entrevistas, que gostava de cuidar de todos os seus netos, como na fala:

Avó: Até hoje, olha, tem vez que ela [Vanessa] vai embora pra lá, deixa o Manoel Jr. comigo. Eu passo o dia, trabalho, ele tá aqui. E eu faço ele dormir, eu dou banho, eu dou comida. Aí quando ele dorme, eu vou costurar; quando ele acorda, ele vai pra lá comigo mexer na máquina. Mas, quando ele sai daqui, eu sinto a falta dele. Eu não consigo ficar assim sem uma criança. Eu já tô acostumada.

Além do mais, afirmou que seu marido Manoel também dispensava os mesmos cuidados para todos os netos de maneira igualitária:

Avó: Ele diz: “Olha, o Mateus, ele mora com nós, nós tamos criando, abaixo de Deus, mas o amor que eu tenho nele, eu tenho em todos os netos”. Deus o livre por causa dessas crianças. O Arthur [filho de Velma] quando ele passa muito tempo sem vir aqui, ah, ele começa a reclamar: “A Velma não traz o Arthur. Nunca mais o Arthur veio”. Aí ele fica amuado. Ele gosta muito deles.

Entretanto, a relação estabelecida com Mateus era diferenciada da relação com os outros netos, pois os avós percebiam Mateus como um filho. Em uma das visitas, Vanessa falou para Mateus: “Olha, lá vem teu pai”. Nesse momento, uma das pesquisadoras perguntou para Mateus quem era o pai dele, no que a criança prontamente respondeu: “O Manoel”. Após o ocorrido, todos riram e Sueli contou: “É. Tem dia que nós fica ali na sala de tardinha. Aí, eu falo: ‘Olha o papai, lá vem o papai’. Quando ele beira ali na porta e vê que não é o Manoel e sim o Maranhão, ele diz: ‘Não é o papai!’”.

Em diário de campo, foi possível observar que ocorre também diferenciação em outros aspectos.

Todas as filhas estavam na casa de Sueli com seus respectivos filhos e ao acabar as entrevistas convidamos as crianças para baterem fotos. Sueli pediu que esperássemos um pouco. Quando ela voltou, Mateus estava bem vestido, com uma calça comprida e uma camisa que parecia nova, enquanto os outros meninos estavam apenas de cueca ou sequer estavam vestidos. Isso não pareceu incomodar as outras filhas, mas existe claramente predileção pelo neto Mateus por parte de Sueli (diário de campo, 28.8.2008).

Assim, existe claramente uma divisão de netos por parte de Sueli e Manoel, que consideram Mateus como um filho. A seguir, serão expostas as características do subsistema parental de Vanessa e Maranhão com Mateus.

Subsistema parental: Mateus – Vanessa e Maranhão

De acordo com as falas dos participantes nas entrevistas e nas observações registradas em notas de campo, Vanessa e Maranhão tratavam seu primeiro filho como filho de Sueli e Manoel. Esse fato é corroborado na fala de Vanessa:

Mãe: Se ela [Sueli] sai, ele [Mateus] sai com ela. Ele mora com ela. Ele só não tá registrado no nome da mamãe no papel porque nós fomos primeiro, né? Porque o Maranhão deu ele pro papai, sabe?

A relação que Mateus estabeleceu com seu pai Maranhão é de muito medo, porque sua “brabeza é maior com ele [Mateus]” (relato de Vanessa). A moça disse:

Mãe: O Mateus tem um pavor dele, né, mãe? Basta ele [Maranhão] olhar pro Mateus que o Mateus já para. Tem vezes que ele [Maranhão] vem assobiando assim, às vezes ele vem de lá da casa do vovô. Aí, quando ele chega, o Mateus se cala, parece que, quando ele chega, parece que não tem ninguém, de medo dele.

Para a esposa, Maranhão oferecia um tratamento distinto aos dois filhos, possivelmente pelo seu entendimento de que seu único filho seja Manoel Jr. Vanessa relatou:

Mãe: Olha, quando ele [Maranhão] tava montando, o Manoel Jr. joga as peças pra debaixo [da casa]. Mexe, tem vez que ele mexe, mas ele [Maranhão] não bate. Deus o livre se baterem nele. Aí, eu digo pra ele assim, porque assim como tem que tratar um, tem que tratar todos, porque sempre quando é assim, quando o pai trata melhor um e pior o outro, sempre tem desentendimento na família. Aí, a criança cresce e fica um jogando na cara do outro: “Ah, o papai gosta mais de mim, menos de ti”. Aí, sempre eu digo pra ele, lá. Aí, eu digo, quando eles crescerem é que vai ser o inferno, né? É que vai ser a confusão.

Dessa maneira, fica evidente que havia uma relação de ambiguidade quanto ao tratamento que deveria ser oferecido aos filhos, já que, em alguns momentos, havia referência de Sueli como mãe legítima de Mateus, e, em outros, Vanessa aparecia como a figura materna, exigindo tratamento igual para os dois filhos por parte do marido. Entretanto, essa experiência de ambivalência é vivenciada de maneira natural, sem nenhum tipo de conflito quanto aos cuidados com a criança.

Família B

Caracterização do grupo familiar

A família B compunha-se por Paulo e Maria, um casal que possuía três filhos (Milene, Otávio e Melissa). A filha mais velha, Milene (17 anos), tinha um relacionamento estável com Joaquim (25 anos), com quem tinha duas filhas: Mara (3 anos) e Mani (9 meses). A Figura 2 apresenta o mapa genealógico desse grupo e as características mais relevantes em sua constituição.

Na época da coleta de dados, Milene e Joaquim mantinham um relacionamento afetivo havia quatro anos e conheciam-se desde a infância. Começaram a namorar quando participaram de um programa de alfabetização que ocorreu no Rio Araraiana, em 2005. As aulas ocorriam na casa de Paulo e Maria, e Joaquim era um dos alunos. O rapaz encontrava-se com Milene durante a saída dos pais da moça para pescar, o que resultou na gravidez da moça. Porém, os pais dela e Joaquim ficaram sabendo da gestação apenas quando já havia completado 5 meses. Nesse momento, Joaquim pediu para os futuros sogros a permissão para namorar Milene oficialmente, e eles concederam contrariados, uma vez que não gostavam dessa união. O casal ficou morando na casa dos pais da moça até 5 meses após o nascimento de Mara.

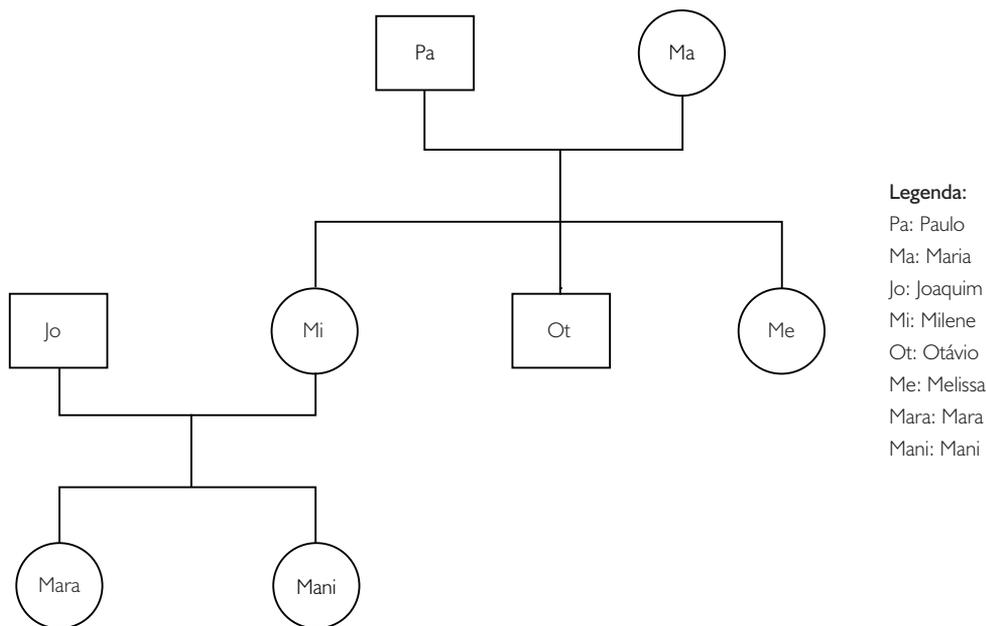


Figura 2. Mapa genealógico atual da família de Paulo e Maria, em que se enfatiza a família de Joaquim e Milene

A relação de Joaquim com seus sogros era tensa. Os pais de Milene não o consideravam esforçado no trabalho. De acordo com Maria:

Avó: Mas eu queria assim que ele se dedicasse e desse o que ela precisa. Porque, quando ela tava com nós, eu juro pra vocês, eu podia não comprar uma calcinha pra mim, ele [Paulo] podia não comprar uma cueca pra ele, mas, pra ela, ela tinha. Olha, ela não usava pasta, ela não usava creme, xampu, desodorante junto com nós. As coisa dela era tudo separada. Ela tinha as coisinha dela tudo separada.

Paulo ratificou essa insatisfação:

Avô: Eu pego corda, né? Ela arrumou um marido que é pra sustentar ela, né? Ela vai embora, eu tenho que mandar tudo! Mas dantes tá comigo aqui. Isso que é a minha mordição, né?

As características conflitantes dessa relação influenciaram na maneira como esses indivíduos se relacionavam com Mara, uma vez que os avós reivindicavam a guarda da neta, e o pai temia que isso pudesse acontecer.

O casal não se casou nem pretendia oficializar a união. Ambos consideravam que, caso a relação não fosse duradoura, haveria muitos gastos com o divórcio:

Avó: Ela [Milene] não quer casar com ele. Ela diz. Um dia desses nós tava conversando sobre casamento, aí a minha irmã disse assim: “E aí, Milene, o pastor quer fazer o casamento, tem tu que falta casar”. Ela disse:

“Eu que vou casar? Num vou casar com ele, não!”. Aí, a minha irmã disse: “Por quê?”. Ela disse assim: “Porque num vou. Eu num vou casar não com ele. Vamo que eu case com ele e depois a vivência num dê certo, ele me deixa ou eu deixo ele. Num quero casar com ele, não”.

Pai: Ah, é porque eu acho que o casamento, no caso, é um negócio muito sério. E eu não sei, porque de repente as pessoas se largam, têm que ir pro divórcio, aí assim não, a hora que a gente quiser se deixar ela vai pro lado dela, eu vou pro meu e assim vai...

A seguir, serão expostas as características do papel de avós e pais de acordo com o relacionamento encontrado nesse grupo.

Pais e avós: desempenhando novos papéis

A união de Milene com Joaquim e o nascimento de Mara na família de Paulo e Maria foram momentos de ruptura com os ideais que o casal estabeleceu para a filha mais velha. De acordo com as notas de campo, existia um grande desejo dos avós Paulo e Maria de criarem a neta Mara como se fosse sua filha legítima.

De forma semelhante à família A, essa relação de parentalidade também apresentou ambiguidades quanto às funções de pai/avô *versus* mãe/avó, isto é, na família B os avós exerciam funções de pais juntamente com os pais biológicos da criança. Mara chamava seu avô Paulo de pai, mas também chamava seu pai de Joaquim como tal, sem que isso causasse grandes conflitos relacionais para a criança.

Neste momento, Melissa disse, olhando para as fotos: “Esse é o teu pai e esse é o meu!”. Mara disse: “Não é nada! Esse é meu pai e esse é meu pai”, se referindo ao Paulo e ao Joaquim. Maria, que estava ao lado das meninas, apenas sorriu (diário de campo, 17.11.2008).

A relação de Joaquim com Mara era bastante afetuosa, porém, por conta da baixa condição financeira e da conseqüente impossibilidade de oferecer à filha e à companheira as mesmas condições que estas usufruíam na casa de Paulo e Maria, os sogros consideravam que o rapaz não era um bom pai. Nessa família, notou-se uma pretensão dos avós de adotarem a sua primeira neta como se fosse a última filha. Entretanto, a vontade contrária do pai da menina é o fator que impede a concretização dessa adoção. A seguir, serão expostos os subsistemas dos avós e dos pais no que se refere ao relacionamento com Mara.

Subsistema dos avós: Mara – Paulo e Maria

O casal Paulo e Maria sempre foi muito próximo de sua neta Mara. Maria sempre esteve próxima de sua neta, levando-a frequentemente aos cultos da Igreja Evangélica da qual faz parte e auxiliando Milene na criação de sua filha.

Paulo era mais discreto, como é tradicional na comunidade do Araraiana (SILVA, 2006), mas também sempre esteve muito próximo de sua neta, carregando-a e fazendo carinhos quando necessário. De acordo com a fala de sua esposa: “Ele [Paulo] faz toda a vontade dela [Mara]. É por isso que a Milene diz que ‘O papai não fazia pra nós o que ele faz pra Mara’”.

Essa proximidade com a neta está relacionada ao fato de ambos considerarem que Milene era muito jovem e inexperiente quando se uniu a Joaquim. Paulo e Maria não gostavam desse relacionamento e aspiravam a que a filha fosse mais independente e procurasse antes estudar e trabalhar, o que, na verdade, é uma ruptura com os padrões tradicionais de ciclo de vida encontrados no Rio Araraiana (SILVA, 2006).

Muitas vezes, logo após o nascimento de Mara, Maria exerceu uma função típica das avós atualmente, que é cuidar dos netos enquanto a filha volta a exercer suas funções sociais e se adapta à inserção de um novo membro (DIAS, 2002). Quando Mara nasceu, Milene teve apenas um mês de licença dos estudos, e, após esse período, a avó ficava com a neta para que a mãe voltasse à escola. Maria relatou:

Avó: Aí, eu ficava com ela [Mara], né? Aí, eu num queria que ela trouxesse ela pra escola, né? Só assim, quando eu saía, ia pro mato com ele [Paulo] que num dava pra mim ficar, e ela [Milene] trazia ela [Mara]. Levava pra escola. Aí, ela continua estudando.

Esse auxílio de Maria a Milene estava relacionado às expectativas que a mãe produziu quanto ao futuro da filha:

Avó: Aí, eu num aceitava, num queria que ela ficasse com ele de jeito nenhum. Eu queria assim, trabalhar pra sustentar o neto, né? Ela ter a filhinha dela, mas ficasse sempre solteira, né? Estudasse, né? Arrumasse um emprego pra ela trabalhar. Era assim que eu pensava, né? Eu queria assim, mas não...

Entretanto, Maria expressou com clareza a satisfação que teria caso Mara lhes fosse entregue como filha de fato, como nas passagens:

Pesquisador: Como é que ela [Mara] lhe chama? De vovô, de vô, de Paulo...

Avó: Ela vai chamar de "pai" pra ele...

Pesquisador: De pai?

Avó: É. Ela vai chamar de pai, é. Quando ele vem assim no rio, que ela tá aqui, aí eu vou, pego ela e corro: "Quem é que vem ali, filha?". Aí, eu digo pra ela: "Lá vem o papai...", aí ela começa "Pá, pá", ela vai chamar de pai pra ele, ela num vai chamar de avô.

Mara era o centro das atenções. Maria disse que assim que o novo bebê da Milene nascesse, ela ia ficar com a Mara. Ela também falou que tinha vontade de registrar a neta como sua filha e que ensinou a chamar de mãe pra ela, não pra Milene (diário de campo, 26.8.2008).

A seguir, serão expostas as características da relação parental entre o casal Milene e Joaquim e sua filha Mara.

Subsistema parental: Mara – Joaquim e Milene

Milene e Joaquim percebiam a relação da menina com seus avós maternos de forma distinta. Milene não apresentava nenhuma objeção ao fato de sua filha tratar Paulo e Maria como pais, no entanto Joaquim receava a possibilidade de os avós "tomarem" a menina de sua guarda.

Pai: Essa daí [Milene] gosta de levar a menina para a casa da avó e só volta de noite, isso quando a gente vai buscar. Eu tenho medo, porque tem mulher que gosta de tirar o filho do pai e dar pra avó criar. Eu tenho medo de que isso aconteça. Por isso que brigo com essa aí.

Milene realizava todas as tarefas que lhe competiam como mãe, cuidando de sua filha e de sua casa. Porém, pela forte ligação com seus pais e certa insatisfação com a vida conjugal, a moça não atribuía muita importância ao fato de não ser chamada de mãe, compartilhando as tarefas de cuidado destinadas a Mara com Maria.

Joaquim, por sua vez, não possuía condições financeiras que satisfizessem o ideal de bom pai construído por seus sogros, porém a relação afetiva que mantinha com Mara era muito carinhosa. Desde o momento em que o rapaz soube da gestação da esposa, cuidou muito bem de sua família. Ele inclusive trouxe a menina nos braços desde Abaetetuba, cidade onde Mara nasceu, até o Araraiana. Em muitos momentos, Joaquim compartilhava suas atividades com a filha:

Joaquim faz um carinho na filha, que senta no colo do pai [ele está sentado no chão] e encosta a cabecinha no peito dele, ainda sonolenta. Joaquim coloca a filha de pé no seu colo. Ela se debruça sobre ele e agarra seu pescoço, num abraço (diário de campo, 17.3.2007).

Quando tudo estava quieto e eu quase pegando no sono, escutei o choro da Mara, seguido da voz de Joaquim cantando para ela. No dia seguinte, ele disse que a filha havia acordado e ele a pegou. Embalou na própria rede, cantando para que a filha adormecesse e ela voltou a dormir rápido (diário de campo, 27.8.2008).

Com base em tantas demonstrações de carinho com Mara, Maria considerava seu genro um rapaz afetuoso com a filha, mesmo que não provesse a família com muitos itens materiais. Isso pode ser observado na entrevista realizada com a avó:

Pesquisadora: Mas ela [Mara] é agarrada com o pai?

Avó: Ela é. Ela é agarrada com ele, mas...

Pesquisadora: E ele?

Avó: É, ele também é agarrado com ela.

Pesquisadora: É um bom pai, Maria?

Avó: [risos] Olha, no modo de agradar ela ele é, né?... de agradar, só.

Nota-se que existia uma clara distinção entre os modelos de pais considerados adequados. Para Maria e Paulo, Joaquim não era um bom pai porque não proporcionava para sua própria família o mesmo conforto material que sua filha e neta teriam antes que se estabelecesse essa união. Porém, Joaquim oferecia para Mara afeto e carinho, valores que estão relacionados a um modelo de paternidade mais contemporâneo.

Discussão de resultados

As formas de vivenciar papéis familiares de pais e de avós são muito relativas às características ambientais encontradas em determinados meios. A comunidade ribeirinha do

Rio Araraiana insere-se em um grupo de comunidades caracterizadas por extrema pobreza e isolamento. No que diz respeito às características mais importantes dos processos de união conjugal e formação de novas famílias, ocorre um padrão de uniões informais e duradouras, motivadas principalmente pela gravidez de uma moça que tem em geral de 15 a 18 anos. Essas moças ainda são muito jovens e não possuem conhecimentos suficientes sobre as responsabilidades e habilidades de criar um filho.

Diante desse contexto e tomando como ponto de partida que o principal papel dos avós no momento da chegada de um neto é o suporte emocional e material oferecido às filhas, por terem vivenciado a experiência de criar filho, os primeiros netos tornam-se responsabilidade da avó (DESSEN; BRAZ, 2000). Porém, esse processo de criação do primeiro neto pelos avós observado na comunidade do Rio Araraiana não é exclusivo dessa localidade. Estudos apontam que as avós, geralmente as maternas, tendem a se responsabilizar pelos cuidados com seus netos, filhos de suas filhas adolescentes (FALCÃO; SALOMÃO, 2005; SILVA; SALOMÃO, 2003; DIAS; SILVA, 1999). Portanto, a idade das jovens é um dos elementos que delinham as práticas de cuidado e parentalidade exercidas nesse ambiente.

Outro fator que merece destaque é a existência de dois padrões relacionais distintos entre a família A e a B, que proporcionam ou impedem a maior influência dos avós na criação dos novos membros na família. De acordo com o estudo realizado por Dessen e Braz (2000), as mães de baixa renda consideram favorável o auxílio proporcionado por suas próprias mães durante o nascimento de seus filhos. Porém, para essas mulheres, as avós não interferem de maneira significativa no cotidiano da família, já que essa percepção não é compartilhada com seus companheiros. Para eles, suas sogras interferem diretamente na maneira de transmitir informações e regras para os netos, o que é percebido como negativo.

Na família A, a relação dos sogros com o genro é de amizade e cooperação, e, em alguns momentos, este é tratado como um filho. Consequentemente, não existe nenhum conflito que dificulte a interferência dos avós no processo de criação e cuidado de Mateus, já que o pai permite essa situação. Porém, na família B, há um conflito manifesto entre os sogros e o genro, motivado principalmente pela distinção de modelos considerados adequados para o exercício da paternidade. Para os avós, o papel do pai é de um provedor material, que assegura conforto à esposa e aos filhos, seguindo um modelo de paternidade mais tradicional. Entretanto, para o pai, seu papel é estabelecer uma relação de afeto e carinho com suas filhas, recorrendo a um modelo mais contemporâneo de paternidade (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Dada a existência desse conflito, o pai percebe que seus sogros desejam tomar sua filha e impede a concretização desse anseio.

De modo geral, o fato de os avós criarem seu primeiro neto como se fosse seu último filho, assumindo o papel de pais, pode representar uma estratégia para a sobrevivência da criança, uma vez que as dificuldades que encontraria com pais tão jovens e inexperientes seriam muito maiores caso tal prática não ocorresse. Em um contexto de extrema pobreza, no qual os grupos familiares encontram-se isolados, os cuidados aos recém-nas-

cidos pelos membros que possuem mais habilidades e conhecimentos acerca dessa situação são fundamentais para a sobrevivência do bebê.

Considerações finais

As atuais pesquisas em desenvolvimento descrevem prioritariamente situações características de ambientes urbanos. Conhecer as características ribeirinhas amazônicas possibilita compreender as diversas realidades vividas pelos brasileiros. Esta pesquisa delineou os papéis dos pais e avós de famílias ribeirinhas diante da chegada do primeiro neto. Seus achados indicam a interferência de fatores como a idade das mães e a situação socioeconômica da família no desempenho dos papéis.

O conhecimento acerca das estratégias utilizadas pelas famílias ribeirinhas, em particular pelos avós, e sobre sua função de favorecer a qualidade de vida dos novos grupos familiares sinaliza a necessidade de planejar políticas públicas mais eficazes que atendam às demandas dessa população.

Uma vez que a comunidade estudada neste trabalho situava-se muito distante dos meios urbanos, o acesso era difícil, o que impossibilitava uma presença mais constante da equipe de pesquisa no local. Desse modo, mais pesquisas poderiam ser realizadas acerca das atividades dos avós, pais e netos que pudessem demonstrar a forma como essas relações estabeleciam-se.

PARTICIPATION OF GRANDPARENTS IN THE CARE OF GRANDCHILDREN IN A COMMUNITY RIVERSIDE AMAZON

Abstract: In families, the birth of a child resizes the family's dynamic, building beyond the roles of son and mother, the roles of parents and grandparents. Therefore, it is intended to describe the roles played by parents and grandparents expressed in the activities executed by two riverside families that live in the river Araraiana, in the state of Pará, who lived the moment of birth. The instruments of data collection were interviews semi structured and Field journals. In this community, the grandparents trend to adopt their first grandson as the last son. This trend predominates due to the extreme poverty in which they live, aggravated by the inexperience of the parents around the cares needed with the newborn. In family A, this trend was achieved and in the family B this adoption was obstructed by the father, by conflicts with the ideal models of paternity roles of the children's grandparents.

Keywords: family; role; relations between generations; parents-children relations; birth.

LA PARTICIPACIÓN DE LOS ABUELOS EN EL CUIDADO DE LOS NIETOS EN UNA COMUNIDAD DE LA RIBERA (ORILLA) AMAZÓNICA

Resumen: En las familias, el nacimiento de un niño modifica la dinámica familiar, además de formar el papel del hijo y de la madre, los papeles de los padres y los abuelos también. De esta forma se busca describir los papeles desempeñados por los padres y abuelos, expresadas en las actividades realizadas por dos familias de la ribera del río Araraiana, en el Estado de Pará, viviendo el momento del nacimiento de sus nietos. Los instrumentos de colecta de los datos fueron entrevistas semi-estructuradas y diarios de campo. En esta comunidad, los abuelos tienden a adoptar a su primer nieto como su último hijo. Esta tendencia predomina por cuenta de la extrema pobreza en que viven, agravada por la inexperiencia de los padres acerca de los cuidados necesarios al recién nacido. En la familia A, esta tendencia fue concretizada y en la familia B esta adopción fue impedida por el padre, debido a los conflictos de los ideales y modelos de papeles con relación a la paternidad de los abuelos del niño.

Palabras clave: familia; papel; relación entre generaciones; relación entre padres e hijos; nacimiento.

Referências

- ABIB, J. A. D. Teoria social e dialógica do sujeito. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 97-106, jan./jun. 2005.
- ALBAGLI, S. Amazônia: fronteira geopolítica da biodiversidade. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 12, p. 5-19, set. 2001.
- ALBUQUERQUE, F. J. B. Psicologia social e formas de vida rural no Brasil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 1. p. 37-42, jan./abr. 2002.
- ALVES, A. M. et al. A enfermagem e puérperas primigestas: desvendando o processo de transição ao papel materno. **Cogitare Enfermagem (UFPR)**, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 416-427, out./dez. 2007.
- BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Transição pra a vida adulta: autonomia e dependência na família. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 42-49, jan./mar. 2009.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução M. A. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CRUZ, V. C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S-C. C.; TAVARES, M. G. C. **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: Edufpa, 2008. p. 49-68.
- DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, set./dez. 2000.
- DIAS, C. M. S. B. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**, ano 6, n. 1/2, p. 34-38, jan./dez. 2002.
- DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família, entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 118-149.
- FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 205-212, abr./jun. 2005.
- FREITAS, W. M. F.; COELHO, E. A. C.; SILVA, A. T. M. C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-145, jan. 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 24 jan. 2008.
- KIMURA, A. F. O nascimento: os familiares como participantes do processo de cuidar do recém-nascido. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 9, p. 45-47, 1996.
- KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 29-34, jan./abr. 2006.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 45-76, maio/ago. 2005.

MARTIN, V. B.; ANGELO, M. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, p. 89-95, out. 1999.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Relatório de desenvolvimento humano. 2000. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR/HDR2000/rdh2000/default.asp>>. Acesso em: 19 mar. 2008.

SILVA, D. V.; SALOMÃO, N. M. R. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 135-145, jan./abr. 2003.

SILVA, S. S. C. **Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

Contato

Thamyris Maués dos Santos

e-mail: thamymaues7@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em outubro de 2010

Aceito em março de 2011